nós.

NUM. 9

31 Xaneiro do 1922

NÓS

BOLETÍN MENSUAL DA CULTURA GALEGA, ÓRGAO DA SOCIEDADE "NÓS,,

DIREITOR:
Vicente Risco

REDAUTOR-XEFE:
Xavier Prado (Lameiro)

SEGREDARIO DA REDAUCIÓN:
Xulio Gallego

XERENTE:
Arturo Noguerol

SUB-XERENTE
Alfonso V. Monxardín

REDAUTORES:
Ramón Cabanillas, Alfonso R. Castelao, Antón Losada Diéguez, Ramón Otero Pedrayo, Florentino L. Cuevillas, Leuter González Salgado

COLABORADORES:
Teixeira de Pascoaes, Johan Viqueira, Philéas Lebesgue, Leonardo Rodríguez, Antón Villar Ponte, Wenceslao Fernández Flórez, Xaime Quintanilla, Antón Noriega Varela, Gonzalo Abente, Manoel Banet Fontela, Lois Peña Novo, Eladio Rodríguez González, Ernesto Rivera, Marqués de Figueroa, Antón Palacios, Leonardo Coimbra, Amador Villar, Alvaro Cebreiro, Alexandre de Córdova, J. Cervaens Rodrígues, Xulio A. Cuevillas, Victoriano Taibo, Xulio Prieto, Xosé Fernández Martínez, Farruco Lamas, etc., etc.

REDAUCIÓN Y-ADEMINISTRACIÓN
Padre Feixóo, 12

ABONAMENTO

Doce números, na Península. . . . **6** *ptas.*
» *Fóra.* . . . . . **15** »
Número sólto, **60** *cts. na Península,* **1'50** *ptas. fóra*

Iste boletín non publica mais orixinás que os que foran direitamentes solicitados pol-a Direución.—Tampouco se fai solidario das ideias n-elas emitidas, non sendo dos que por non iren firmados, enténdense que son da Redaución.

SUMARIO

O aspecto actual da Literatura portuguesa, HERNANI CIDADE.

O *monopolio do comercio do dińeiro,* JULIO A. CUEVILLAS.

Novela, CASTELÁO.

Berros do alén, RAMÓN VILAR PONTE.

A mansión Aquis Querquernis, F. L. CUEVILLAS.

Os homes, os feitos, as verbas, pol-a REDAUCIÓN.

12/2.431

NÓS

BOLETIN MENSUAL DA CULTURA GALEGA, ÓRGAO DA SOCIEDADE "NÓS,,

Ano III Ourense 31 de Xaneiro 1922 Núm. 9

MEDO

Pol-as naves románicas da igrexa
corre o brando rumor das oracións
formadas nos sinxelos coraçóns
en onde o fogo do fervor latexa.
Unha vagua de lume palpebrexa
na lámpara prendida antre grillóns;
pasan voando místicas visións
i-os seus fulgores Deus no altar refrexa.
Axionllado, baixo o peso forte
do remorso cruel dos meus pecados,
ollo a moura fondura dos pasados
cativos tempos de ruina e morte,
e sentindo os meus ollos abrasados,
tremo de medo pol-a miña sorte.

GONZALO LÓPEZ ABENTE

O ASPECTO ACTUAL DA LITERATURA PORTUGUESA

RAPIDAS IMPRESSÕES SOBRE:

Os mortos que mandam.—Eça e Ramalho, Antonio Nobre e Fialho de Almeida e outros.
Os vivos que emmudeceram.—Guerra Junqueiro e Teixeira Gomes.
Os poetas da raça e da tradiçao.—Teixeira Pascoais, Correia de Oliveira, etc.
Os poetas subjectivistas.—Américo Durão, Virginia Vitorino, Augusto Gil, etc.
Os poetas da arte pela arte.—Eugenio de Castro.
Prosadores—A vida trágica de Raul Brandão; O lirismo filosófico de Leonardo Coimbra, e a Sensualidade pagã de Aquilino Ribeiro.
A evocaçao histórica de Antero de Figueiredo e Lopes de Mendonça.
O Apostolado radical de Manuel Ribeiro e de Jaime Cortesão.
O teatro.

Bem que seja sôbre o aspecto actual da literatura portuguesa que eu tenha o gratissimo e honroso desser de falar, não povo entanto deixar de aquí evocar todo um *claustro-pleno* de mortos queridos. Fechou-lhes a Morte os lábios, mas repercute sempre vivo na nossa memória o eco de seu verbo revelador. O espirito de algum deles bem parece que perpassa, vago e adormecido embora, pelas almas dos devotos, débilmente lhes encaminhando sôbre o papel a mão sonâmbula...

Nestes últimos anos, quantos se foram para a Grande Sombra! Antonio Fejó, cheio de graça e fulgor parnasianos; Gomes Lial, lira cujas cordas foram raios de luar e látegos de cólera. E Ramalho e Fialho e Trindade Coelho... Evoquemo-los a todos com piedade de herdeiros agradecidos.

Ramalho e Eça foram entre os da última geraçao, os mais poderosos educadores da nossa inteligência. Ramalho, temperamento equilibrado e forte; Eça, espírito subtil e elegante, ambos de observação segura e justa, de palavra ecoante e impressiva ambos, puseram em contacto com a Europa mental a alma lusiada, sequestrada na estreiteza de *chauvinismos* estúpidos e de preconceitos desusados. Com Fialho continua-se esta obra de esclarecimento da consciência de nós próprios, de conhecimento das nossas coisas. Ensinou-nos a olhar de frente os deuses olímpicos, na irreverente devassa a todos os meandros da vida nacional, a curiosamente mirar, para o gostoso embalo na emoçao ou para o acre satanismo do riso destrutivo quanto exprimisse ou comprometesse a Beleza múltipla. Simplesmente, as lições do crítico de arte e principalmente as do crítico de costumes políticos, bem que quási sempre tocadas da chama do génio, eram freqüentemente tumultuadas dos seus histerismos dolorosos (en Fialho até a gargalhada é quási angustiante, soando a coisas que se rasgam ou se estilhaçam); e da sua obra vem-nos um pouco êste ácido corrosivo que de quási tôdas as páginas de crítica moderna—de livro ou imprensa—se transfiltra para os indivíduos e para a colectividade...

Mas Fialho é complexo e, depois de o recordar ao lado de Ramalho e Eça como mestre da crítica e informador da atitude da minha geração em face dos homens e da sua obra, eu tenho que falar dele ao aludir ao Trindade Coelho, como intérprete da paisagem portuguesa, e da vida simples que ela enquadra nas aldeias. Ambos comovidamente a amam e cantam. Fialho, então, nascido na gravidade, por vezes trágica, da terra alentejana, que no verão se pinta vastíssimamente a dois tons—o amarelo das restolhadas e o negrusco dos azinhais—que diferente não é nas pinceladas de delírio e fogo das suas scenografias de visionário ou telas *d'après nature*, dêsse gracioso e risonho Trindade Coelho, aqui do Norte, em cujas páginas a terra portuguesa é sempre duma graça virgiliana de cromo! E os campónios trágicos de Fialho, goyescos tipos ensombrados pelas maldições da vida, como distam dos risonhos campónios de Coelho, deles fraterno e bondoso cantor, quási todos com o ar lavado e fresco de figuras de opereta.

E esta tendência, num e noutro sensível, de irradiar da própia personalidade, para o trecho da vida ou pedaço da natureza que os cercava, a sombra ou a claridade interior, levanos a recordar o extranho temperamento de António Nobre, mais subjectivo que nenhum.

É êle quem ainda hoje partoreia as almas tristes, dos doentes de beleza, dos nostálgicos do infinito, dos que sentem o fastío de viver. E êsses ¡ai de nós! se por tôda a parte são numerosos, constituem legião entre nós, que somos duma raça exilada, por mil infortúnios, da alta Glória, para que épicamente abrira caminho...

Dos escritores mortos, os mais lidos são certamente António Nobre e Fialho. Ambos são grandes e sempre novos. Mas Fialho exerce, no ponto de vista da forma, sugestões como ninguém. Ele é o grande mago, realizador dos milagres verbais. Ninguém como êle tão bem orquestrou os recursos musicais da língua e melhor descobriu as suas ocultas riquezas expressivas. Com palavras esculpiu, cantou, pintou. Elas lhe deram a suavidade epitalámica do sonho lírico, as cóleras jeovaicas e destruidoras da sátira, as gargalhadas diabólicas de *gavroche*. Os seus livros são um museu de tôdas as artes, para todos os gostos, que nunca houve, senão Camilo, seu grande mestre, ninguém tão profundo e maleável, rico de todos os recursos da arte, para exprimir tôdas as formas do ser.

***

Mas deixemos os mortos. Quisemos surpreender influências. Aí ficam reveladas, mais *reveladas* que precisamente *determinadas*, visto para mais não dar a estreiteza do artigo.

E começando a falar-vos dos escritores actuais, cito em primeiro lugar dois belos nomes de sobreviventes da geraçao passada, Teixeira Gomes e Guerra Junqueiro. Ambos emudeceram. O primeiro relegou a sua pena elegante para a prosa dos papeis de Chancelaria; e, no que parece, para sempre as letras patrias, nesse temperamento caldeado ao sol do Algarve, servido de sentidos educados na infinita policromía meridiana, mas actuado por uma educação clásica em serenidade de visão, equilibrio de forma e até vernaculismo de lingoagem, perderam uma interesante figura de Petronio, voluptuoso realizador duma prosa clara de sol vivo, bem que sem virtudes sugestivas de instação.

Junqueiro calou também a voz harmoniosa e límpida como nenhuma, con que houve acentos fugidios de génio, inesquéciveis. E vai-se apagando na alma dos seus fieis a esperança na *síntese filosófica* do seu pensamento religioso. Explícitamente êle a anunciou e a própia evolução e natureza da sua arte a prometeram, visto como esta foi realizada, na sua ascensão da veemência bíblica de Ezequiel para a evangélica suavidade de San Francisco de Assis, pela permanente colaboração da reflexão e curiosidade do intelectual com o ardor proselítico do semita. Entanto, mesmo que o poeta falte á sua promessa, é já grande e formosa a herança que lle devemos. E o que dela mais prezamos—apressemo-nos a dizé-lo—não é a irreverência do seu romantismo democrático e anti-católico, mas a ternura cristianíssima pelas almas simples que amam e sonham, crêem e sofren, no emolduramento da paisagem como elas rústica, e a quem êle, com mais comunicativa, clara e elegante eloqüencia que ninguém, entoou todo um hinário religioso, que anda na memória e no coração de todos nós.

***

Dos vivos em plena actividade criadora, comecemos pelos poetas:

Pascoais é o grande mestre da moderna poesia portuguesa. ¿Não notareis nos escritores citados todo un esforço para acordar a raça á consciência de si ou da vida? Sente-se bem, de facto, uma ansiedade de libertação e recoméço. Andamos perdidos de nós próprios, e daí os recuos e precipitações, os cambaleamentos e quedas. Pascoais surge a anunciar a Boa Nova —A saudade—*a Virjem Mãe da raça portuguesa*—é simultâneamente lembrança contempla-

tiva e aspiraçao activa, consciência, no coraçao lusiada, da existência universal, feita do doloroso esforço ascensional e infinitamente criador.

Impregna a sua obra todo um misticismo de alma perpetuamente em contacto com o mistério e, porisso, nela relampagueiam, a espaços, claridades de revelação. Palpita uma vaga névoa crepuscular sôbre as suas páginas, mas é a névoa da ante-manhã, ténuemente esclarecendo os abismos do Infinito, que as aparéncias velam. Poeta da zona marítima da Península, onde a luz se tamisa através dos nevoeiros do Atlântico e assim, ao poente, as montanhas, dissolvendo o arcaboiço terreno, desdobram scenografías de confins de mundo, transfiltradas de sugestões de Além, êle é, no seu quási delírio profético e no seu penúmbreo verbo religioso, a própia paisagem galaico-lusitana falando a sua íntima essência. E ainda porque emerge desta raça em que se fundem elementos celtas e semitas, metafísica e naturalista, amando a meia sombra anímica en que a lágrima é sorriso condensado e o sorriso lágrima cristalina que se dissolve, êle é o poeta revelador do verbo que a alma lusiada e a alma galega há séculos tentam conjugar. Não admira, pois, que Portugal e Galiza vejam nêle, mais que o artista, o evangelizador da salvação do seu profundo espíritu original.

Ao lado de Pascoais, ergue-se Antonio Correia de Oliveira. Exuma da tradiçao para os seus versos a velha alma portuguesa—e é ela que nêles canta e se exalta, prégando fé no futuro e amor ao pasado. Não tem o espírito vidente de Pascoais, que rasga clarões na Sombra Eterna; mas porisso mesmo desdobra em planos mais claros de consciencia um pensamento mais raciocinado. Não o turba, como a Pascoais, o delírio pitonísico; e conseqüentemente é mais artística e elegante a sua forma. Mas é por igual um pensamento apostólico que o orienta e, últimamente, Correia de Oliveira tem sabido ser a voz comovida do Passado, paternalmente falando ao alarido confuso de Presente.

Junto a êstes poetas da Raça e da Tradiçao o nome de Afonso Lopes Vieira, outro enamorado da alma lusa. Há pouco, a campanha vicentina do autor das *Ilhas da Bruma* logrou transferir das velhas bibliotecas para a luz natal do proscénio êsse mestre Gil, *um que não tinha ceitil e fazia os aitos de el-Rei*, reconciliando os portugueses com uma das mais autênticas glórias do seu teatro.

¿E Mário Beirão? ¿Que é feito dele? Recordo com saudade inútil a sua musa de prestigioso poder evocativo, ora delirada e trágica, ora gemebunda e suavíssima, e recordo-a porque nenhuma outra melhor revelou a fala dramática e obscura que exalam, na minha terra do Sul, as vastas solidões amarelas e as charnecas paradas, em cujas poças razas tomba exânime e arrependida de les queimado, a última luz da tarde.

Abismados en si próios, alheios à vida que torvelinha em redor, para melhor escutar os estremecimentos da sensibilidade mórbida, vaguelam poetas como Américo Durão que no *Tântalo* cantan:

«A dor sem nome de nascer vencido.»

Envenenam-se à Sombra da mancenilha que êles próios plantam e cariciosamente cultivam. Sáa derramadores de sugestões de desalento e desgósto. Dão voz aos momentos crepusculares da raça, tradução bela, às veces, duma rara beleza enleante e cariciosa, como sucede no *Tântalo*, às plangências da guitarra portuguesa...

Entre os *intimistas* cumpre ainda destacar, porque é incomparavel de verdade psicológica e sinceridade expresiva, a jovem poetisa Virgínia Vitorino, que surgiu há pouco, com os *Namorados*, linda e triunfante, em toda a graça duma aparição. A mulher portuguesa ama nela a sua melhor intérprete. Depois, a simplicidade da sua arte só é comparável à de Augusto Gil.

E eis outro poeta que o povo adora, pela limpidez com que lhe dá a comungar a alma —uma alma sem complicações, com saúde, que lhe é profundamente fraterna, e duma fluência e beleza líricas infinitamente amaveis. É um João de Deus menos ingénuo dê forma e menos romântico de temas, mas como êle formosíssimamente e singelíssimamente traduzindo a graça virginal das almas e das coisas, banhadas em claridades matinais.

E porque falei duma alma sã, realizando uma arte de Sádia beleza, não posso esquecer João de Barros, em cuja obra poética há força dionisíaca, alegría de viver, plena luz de meio-día.

Alheado da raça, da tradiçao, da própria intimidade, convencido com Gautier que *la Muse est jalouse; elle a la fierté d' une déesse et ne reconnait que son autonomie*», pontifica Eugénio de Castro no altar solitário da sua arte aristocrática—arte que vive para si própria, tendo evolucionado das bizarrias dum simbolismo flambante e sonoro, cada vez mais airoso e

arquiducal, para mais clássicas e puras perfeições. Os sentidos do poeta são abelhas do Himeto, forrageando, sob o céu azul, o mel delicioso das sensações que passam. Mas é tam linda e musical a arte que elaboram, que, lendo-o, nos reconciliamos com a vida, porque nela maravilhosamente se orquestrem côres e músicas e perfumes, e enxames de imagens irisadas escondem abismos feios e negras nuvens.

***

* ¿E quanto aos prosadores?

Este ano devem ter aí aparecido três livros estranhos de prosadores portugueses-a tradução espanhola de *Os Pobres* de Raúl Brandão e a tradução também espanhola de *A Alegria, a Dor e a Graça* de Leonardo Coimbra e recentemente, do mesmo, a *Adoração*.

E eis os mais invulgares temperamentos de artistas em prosa portuguesa, antipodalmente distanciados um do outro, contudo. Brandão, sondando a miséria e a dor humanas, en *Os Pobres* abeirando-se da tragédia do banal, no *Humus*, onde as vidas se estiolam e marasmam emparedadas no hábito, algemadas no preconceito, os olhos vendados pela aparência, bem que sentindo a vida espléndida e dionísica, marulhando incitamentos de revolta, de em tôrno ao cárcere, realiza uma arte sombria, que nos oprime de pávida angustia como se caminhássemos sôbre cristas de abismos subterráneos. Leonardo, filósofo e poeta, exhuberante de vida mental e física—dionisiacamente excedente—alteia para visões de esplendor um pensamento mais largo da Vida. A Vida que êle canta não é a encarcerada na lóbrega caverna onde o troglodita ainda empareda o homem. Leonardo ama traduzir as aparências fugidas em transcendente e eterno. Não fixa a passageira ruga em que a onda encrespa, mas a própia corrente infinita que arrastra a onda. Assim, em *A Alegria, a Dor e a graça* que é a melhor tradução em lírica linguagem do seu pensamento filosófico, *A Alegria*, é, na memória virgem da criança, ou do Santo que de criança guarda a pureza, a vaga consciência da primitiva e cósmica unidade, da amanhecente claridade das existências apenas em esbôço: a *dor*, é, na fragmentação e dispersão pluralista dessa unidade, a angústia da alma isolada no universo, interrogando os mudos ceus sôbre ó seu destino; e a *graça* é, finalmente, a presença em nós, sentida como um *beijo* divino, do própio Ser infinito que é a consciente unidade integral e plena, a gostosa comunhão na sociedade mais alta que resultará da harmonía das consciências individuáis, no mesmo ritmo de amor eterno. Assim distanciados em pensamento, Leonardo e Brandão apresentan, no ponto de vista da forma, uma diferença igualmente profunda. Espelham as suas obras, dir-se-hia que pera se completarem, as duas faces de Realidade-a sombra noturna e os esplendores meridianos. Os quadros de Raúl Brandão são feitos a carvão e nanquim, os de Leonardo Coimbra são telas rafaelescas, duma inexcedível riqueza cromática. De qualquer maneira, entanto, há num e noutro originalidade poderosa e, em profundidade ou altitude, fortes latejamentos de vida essencial e anímica, surpreendida para além das aparências ilusórias.

Quem se sente bem, gostosamente, na inspeção da vida epidérmica, sem escafandros para sondagens nem asas para ascensões, é Aquilino Ribeiro, cuja arte é fabricada pelos seus sentidos fortes de primitivo, palpitantes de guloseima animal. É um novo como Leonardo, consagrado de há pouco. Beirão sensual por temperamento, airado em parisiense voluptuoso por educação, é tôda a sua obra consagrada ao culto de Pan e de Venus. A paisagem beiroa afoga-se nela em luz afrodisíaca e as almas são o expoente da carne apetente, ora em explosões de brutalidade animal, ora em requintes de volúpia sibarítica. Mas há grandeza nesta audaciosa sinceridade dos temas e muita beleza pictural e plástica surdindo, surpreendente, do vigor campezino de muita página.

Todos êstes escritores vivem olhando, em altura, profundidade ou superfície, a vida moderna e dela tiram os temas da sua arte. Na evocaçao da vida pasada, lêem-se com prazer Antero de Figueiredo e Lopes de Mendonça. O primeiro possue, para a ressurreição dos grandes dramas passionais da história pátria, uma inexcedível riqueza lexicológica, um vivo sentido dramático e apreciaveis faculdades de movimentaçao teatral.

Lopes de Mendonça, mais ainda do que Antero se isola para as bandas do Passado. Mas dos pergaminhos que o rodeiam no seu gabinete da Academia das Sciências de Lisboa, não procura êle, apenas erguer, como Antero, numa pura intenção de psicólogo ou artista, as almas que nevroses dramatizaram. Antes anda em busca das energías colectivas que realizaram a epopeia dos descobrimentos e conquistas, numa bela intenção de apostolado social. Quem ensaiou êste género com brilho, foi Júlio Dantas, na *Pátria Portuguesa*. Abandonou-o, porem. Prefere-lhe agora o *badinage* escandaloso aos ouvidos de Mme. X.

Os *passadistas* lembram-nos por oposição, os *avançados*. Devo dizervos que entre nós, infelizmente, há, sob o ponto de vista das ideias avançadas, mais acção que pensamento-motivo porque é aquela um precipitado desencadeado de instintos, séria razão de apreensões quanto ao futuro.

Os únecos nomes que ocorrem são os de Manuel Ribeiro e Jaime Cortesão. *A Catedral* de Ribeiro é, entanto, ¡coisa extranha! um livro para católicos e estetas, sindicalistas e amorosos. O autor, com praça assente nas fileiras do comunismo, vibra duma comoção aproximadamente idêntica perante todas as modalidades da ascese-a estética, a religiosa, a amorosa e a revolucionária. A sombra da Catedral que, na reconstrução, vai raspando os seus emplastros e recompondo o diadema das suas capelas absidais, um grupo de almas vive o drama duma ascensão para ideais que, bem que diferentes, têem a mesma forte sugestão exaltadora e purificadora.

Jaime Cortesão, poeta e dramaturgo, temperamento de esteta que a Guerra Europeia, em que andou envolvido, como médico, encaminhou para a actividade social, acaba de fundar com um grupo de escritores novos, de entre os quais destaco os belos nomes de Raúl Proença, Faria de Vasconcelos, Raúl Brandão e Augusto Casimiro—a revista—*Seara Nova*. E a estreia do grupo, em matéria de apostolado social, foi a peça de Cortesão: *Adão e Eva*, há pouco representada em Lisboa e vivamente discutida na Imprensa. É uma peça com defeitos, inferior à obra poética do autor, inferior à própria intenção, mas notável pela sua ousada atitude, mais ousada que clara, em face do problema social e ainda notável porque tem os aplausos solidários dos fundadores da revista, onde há inteligência e vontade, mais provavelmente que ideias claramente definidas e planos organizados, ao menos nesta primeira fase de formação. *Adão e Eva* prega, ante a violência duma explosão revolucionaria, à margem e a dentro da qual se desdobra a acção da peça, a necesidade de eliminar a raiz do mal social, que, no criterio demasiado actualista de Cortesão, vem a ser a opressão usurpadora, mas começando por eliminá-la das próprias almas, onde ela gera, ao mesmo tempo, a voracidade do burguês vivamente atacada no drama e a ânsia de vingança do operário, que desencadeia a catástrofe que a acçao repercute.

E de teatro... nada mais vos tenho a dizer. Depois da morte de D. João da Câmara e de Marcelino Mesquita, dois temperamentos excepcionalmente dotados do sentido dramático e da mestría técnica, o teatro entre nós é uma curta sucessão de ensaios estereis que não merecem menção. Se um pouco o nome de Carlos Selvagem emerge para o acolhimento da nossa simpatía, é pelo carinho com que trata a viva realidade da sua aldeia. E a Júlio Dantas, que tem um incontestável talento de *arranjo teatral*, falta absolutamente a capacidade para a dentro dele, agitar almas que seriamente e sinceramente vivam a própia vida.

E eis, resumidamente, o que tenho a dizervos sôbre literatura portuguesa, no actual momento. Na estreiteza dos límites dados, mesmo asim provavelmente excedidos, cumpría falar apenas nos mais representativos. Entre os omitidos, figuram os escritores da Grande Guerra. Porque neste pequeno grupo ha para destacar, além de Cortesão que êla feriu, Augusto Casimiro, que na Flandres foi um lírico e simpático apóstolo, airando uma bela figura militar, e, sobretudo, Pina de Morais, tão grande como modesto e simples, expontâneo em tudo-até no talento, dum maravilhoso poder criador, em direito e íntimo contacto, dada a sua cultura por enquanto deficiente, com as fontes profundas de onde jorra mais pura e viva a emoção, nele portanto duma rara virtude comunicativa.

HERNANI CIDADE

Pôrto X1-921.

O MONOPOLIO DO COMERCEO DO DIÑEIRO

COMENTARIOS ENCOL D' UN LIBRO

No ano de 1916 Arthur Travers Borgstroem pubricou un folleto titulado *O trunfo da organización*. Despois d' espór n-il a situación na que quedarían na Europa, na hora da paz os paises belixerantes, dí, falando dos neutrás, qu' istes tenderían que soportar tamén cargas enormes. Unha parte mínima somentes d' istes gastos podería ser satisfeita pol-os impostos; o resto tería que ser cuberto con préstamos, que un día ou otro haberían de ser reembolsados senon pol-os homes d' hoxe, pol-as xeneracións do porvir. Os seus intreses terían que ser pagos dende logo, y-esta carga abondaría pra faguer rubir as contribucións a tipos inauditos. Cumpriría enton botar mau de medidas radicaes. Como faguelo sen ruinar ós ricos e levar ós probes ó desespero? Que habería que facer pra saír d' iste atolladeiro? Desanimadas todal-as fontes d' ingresos que debalde buscan os mais afamados finanzeiros, y-as compricacións d' orde político qu' a sua apricación podería traguer consigo, dí mais adiante: «A guerra ten demostrado qu' o socialismo do Estado, o intervencionismo, non é somentes posíbre, senon que é realmentes útil pra mais d' unha rama da vida económica. Nos paises belixerantes, todo o mundo serviu pra algo, no exército, na mariña, nas frábicas de municións, nos hospitás, na Cruz Roxa, nos negocios en xeneral, todo o mundo traballou; as frábicas foron nacionalizadas; os navíos requisados; sen monopolizal-os xéneros precisos prá vida, fixouse o seu precio; ás mulleres y-ós fillos dos soldados déronselles empleos e retiros, e todo esto non solo na semi-socialista Alemaña, senon na Ingraterra librecambista. Créese verdadeiramente qu' os obreiros perderían a leución e voltarían ó antigo estado de cousas?» E despois d' estudar o egoismo dos *trusts* e dos sindicatos de proletarios, escrama: «Pídovos por todo esto, *patres conscripti*, que non vos quededes sentados nas vosas sillas curules, namentras César e Clodio arranxan por vós os negocios de Roma. Com' enton, o egoismo do capital non é menos dañoso qu' a gabachería do traballo».

A solución do probrema dáa o autor no diálogo seguinte:

«Fai algús anos perguntei a un banqueiro meu coñecido:

—Que diríades si o emperador da China decretara a nazonalización de todol-os bancos privados e de todol-as compañías de seguros?

—Diría—repricou o meu amigo—qu' o emperador xustificaría qu' era realmentes Fillo do Ceo. Mais nono fará. O efeuto sobr' os veciños sería deplorable, pois teño pensado o fácil que sería prós gobernos apoderarse de todal-as compañías de seguros.

—E dos bancos, non?—perguntei.

—Eso xa non sería tan doado, mais tamen se podería faguer si se fai mañosamente. Eu encargaríame d' elo se me nomaran *boss* da banca china.

Teño unha gran confianza no xuicio do meu amigo, e meditei de vagar, no qu' il me dixera.

Veu logo a guerra, que nos botou a todos, mais alá do sendeiro trillado pol-a rutina cotidiana, relacionando cousas que parecían ter precisión de seren refeitas, e permitindo realizar as que non parecían posibres. E volvín enton á miña antiga ideia. Despois de todo, porque non monopolizar o diñeiro com' o tabaco, os mistos, ou calquer outro xénero de consumo? Os banqueiros e mais os usureiros venden diñeiro coma o comerciante de tabaco vende cigarros y-o tendeiro mistos...

Cando me decidín a espor ó púbrico iste proyeuto, tiven a inocencia de creer qu' o destino me tiña concedido o privilexio de dar a luz unha novedade. Quedei desencantado; o privilegio corresponde a un prusiano da Prusia Oriental. N-unha obra titulada *Reform oder Revolution* pubricada en 1894, o conselleiro íntemo C. Von Masou preconiza reformas radicaes encamiñadas a conxurar o espeutro do socialismo y-a salval-a patria da revolución qu' il ve prósima. Decrarase campeón da nazonalizazon económica, non das terras, naturalmentes, senon do comercio de trigos, carbós, diñeiro e de certos xéneros d' importancia esencial y-anque toca de pasada a custión do diñeiro e non da detalles d' orgaización, dí qu' en todo caso, a nazonalización d' esta clás de comercio é moi recomendabre. Non puden atopar outros autores que teñan abordado o asunto, quitando crar' está, os socialistas que o queren nazonalizar todo.

A banca en realidade, non é mais que un dos elementos do comercio do diñeiro. A mín paréceme qu' unha vez ceibados no camiño da nazonalizazon económica, o Estado debería ir mais lonxe. Non contento con nazonalizal-a banca e mais o préstamo de diñeiro en tanto qu' é exercido coma negocio, pol-os estabrecimentos de creto, os banqueiros y-os prestamistas, debería acaparar todo o conxunto d' empréstitos e préstamos, xa antre estabrecimentos oficiás ou particulares ou xa confinados na vida privada de indivíd a indivíd. Solo así sería eficaz a reforma e difícil ou imposibre sustraerse a ela. Que non s' alarme o leutor, que non s' asuste o seu sentido de bó burgués, d' estas ideias, anque lle parezán subversivas, nin vexa n-elas a pata de diaño do socialismo. En realidade a medida e grandemente conservadora e defende a libertade y-a propiedade da marea invasora da democracia social.

Na práutica o proyeuto e moi sencillo. O Estado apodérase das orgaizacións de créto privado cos seus autivos e pasivos y-esto é todo. Pol-o demais as cousas seguirían como denantes y-a gran masa non adevirtiría o cambio. Os prestatarios alcontrarían na persoa do Estado un acreedor complaciente y-os prestamistas unha colocación segura do seu diñeiro. A outa banca berraría ¡roubo! Pero eiquí non hai tal roubo. Os capitalistas y-os aucionistas nada perderían. Os direutores y-os empregados atoparían novos servicios e salarios seguros, y-o Estado coma nas Caixas d' Aforro d' hoxe pagaría o intrés normal.

A adeministración non sería compricada. O istrumento existe xa. O ministerio de Correos non é outra cousa que un vasto estabrecimento nazonal e internazonal de banca e seguros. Pra compretar o proyeuto habería que facer entrar n-il certas funcións da banca moderna que son de concesión xeneral do préstamo e do empréstito, tales como servicio de cheques, trasferencias, ordes de pago, e todo o arsenal da Bolsa, corretaxe, axiotaxe, arbitraxe e demais denominacións d' iste orgaismo internazonal. Os seguros naturalmente seguirían a misma sorte, y-esto xa non é ningunha novedad pois von Justi fala d' ela a mediados do século XVIII? E despois, a nazonalización do seguro formou parte das ideas de Louis Blanc. Na Alemania o socialista Rittinghausen propuxo extender esta idea o imperio enteiro e Italia nazonalizou os seguros de vida por unha lei recente que comenzará a rexir no 1922.»

Pero xa a copia foise alongando demais, e teño qu' abreviar. Fala tamén Borgstroem de resolver o probrema da venta de mercancías a crédito por un aval forzoso do Estado que cobraría un premio por elo, e decrararía nulos e sin eficacia legal todol-os contratos d' ista clás, ós que faltara a intervención oficial. O departamento de seguros da Oficiña de Correos sería naturalmente a encargada d' iste servicio, verdadeiro seguro fiduciario.

Non teño, dí pra terminar, a pretensión de qu'istas medidas sean unha panacea pra todol-os males da humanidade, pero sí son un medio con outros medios paralelos, de franquear o abismo aberto entr' o capital y-o traballo y-atenuar a desconfianza entre patronos y-obreiros, desconfianza e' o autual sistema económeco de libertá da banca e do crédito non fai qu' agravar.

Non hai duda qu' istes medios darían ó Estado un dominio sobr' o capital y-o traballo que lle permitiría, sobre todo nos paises de desenvolvimento abastado, ós sindicatos d' unha y-outra parte a un xeito mais propicio á con-

cordia e mais en relación co' a dinidade da *res pública*. Non hai que decir que bén adeministrado este sistema sería unha fonte abundante d' ingresos, cousa que non é de desprezar nos nosos tempos...

«Da orgaización en tempos de guerra ten que sair a orgaización en tempos de paz. Ninguén poderá deter a marcha d' iste desenvolvimento. Por bén ou por mal o Estado debera perseguir a concentración do poder nas suas maus ant' o temor das naciós concurrentes ou de turbulencias interiores. A orgaización trunfará pero a expensas da libertade...

Xa está terminada a guerra y-os males presentes superan ós previstos. O abuso do crédito, o escandaloso comercio dos sinos monetarios que convirten nun verdadeiro xogo de azar as mais simples operaciós mercantís, as Bolsas xugando c' o creto das naciós, o egoismo da gran banca dos *Trusts* e dos *Cartells*, dos sindicatos, os enormes déficits dos presupuestos dos Estados, todo prepara un porveñir cheo de negruras, e por eso nos parece d' actualidade por en circulación as ideas dos economistas y-as de Travers Bergstroem creemos que pol-a sua orixinalidade son dinas de que se pose n-ilas a atención.

Y-estas ideas non son novas na literatura hespañola. Florez Estrada a principios do pasado século ó tratar da produción na riqueza, propuña, anque con vacilaciós e distingos, impor unha contribución sobr' a renta das que non producen riqueza, ou indistintamente sobr' os ingresos que tivera cada asociado y-empregar o importe como capital, emprestando a intrés ás persoas que s' obrigasen a destinalo a un ramo de industria, ou destinandoo o mismo Estado. Si a contribución recaira somentes sobr' as clases improdutivas y-o goberno prestara o importe por un premio igual á qu' o diñeiro tivese no mercado, sería o millor medio pra conseguir o desexado, por cuanto a contribución esixiríase da porción de produto anual que n-outro caso consumiríase improdutiva, conseguíndose a maiores unha millor distribución da riqueza na sociedade.»

Os empréstitos emitidos pol-os Estados belixerantes é ainda por moitas naciós neutrás ausorben cos seus intreses mais da mitá da cifra total dos seus presupuestos, arrincados da produción en favor d' un consumo improdutivo. Y-esí non se pode seguir, ou se fai un alto no camiño, ou querendo salval-o todo vaise a perder todo.

O mismo Florez Estrada sostiña qu' o mais funesto dos consumos púbricos improdutivos, son os que fora da perda de valor que causa, sumen as naciós no dolor e no abatimento. Y-entr' eles puña os causados pol-as guerras que se fan por esprito de venganza, por celos, por preocupaciós ou por pura vanagloria, e que non teñen por resultado mais qu' oprobio y-a infamia. Mais valera qu' istas frases non s' ouveran esquecido.

Así falan os economistas, pero casi nadie escoita as suas palabras; as naciós seguirán o camiño do seu calvario cargadas co' as suas deudas abafantes, que funden ós probes y-ós pequenos, pero levando altos e ben sentados nas suas sillas, ós ricos banqueiros, ós axiotistas opulentos cuyas caras de Shyllock asoman atrás das cabezas dos gobernantes cada vez mais grosas, mais rideiras e mais satisfeitas.

JULIO A. CUEVILLAS

Ourense, 13 de San Martiño.

NOVELA

Ramón Carballo foi a Bos-Aires e volveu probe. Ramón Carballo foi á New-York e volveu sen cartos. Ramón Carballo foi á non se sabe onde e xa non volveu máis.

***

M. Lavalet gana o seu pan vendendo restos humáns. M. Lavalet é un home arrepiante: ollos roxos de vidro, cabelos mortos de peluca vella, regos secos de sudor luxado na testa, friaxe d' eter nas maus e nos beizos a sustancia de moitos venenos. Iste home vive no terreiro d' unha rua estreita de París.

Certo día chamei cos cotelos a sua porta y-entrei... Unha sala chea de osos humáns, algúns ainda frescos. Na sala das *curiosités* un feto momificado ollándos' o embigo, unha calivera de gorila, co-a sua cresta de casco guerreiro, a pelexa da cabeza d' un chino pra sere colocada n' unha armadura d' escayola.

Cando M. Lavalet soupo qu' eu era pintor amostroume unha gran coleución de coiros tatuados e curtidos pra facer petacas... Un d' iles era do peito d' un home representando un paxaro c' unha carta no peteiro e debaixo iste nome: Ramón Carballo.

CASTELAO

BERROS DO ALEN

... E o home forte, férreo, o filósofo-poeta berraba: «¡Eu dígovos que soio onde hai tumbas hai resurrección!»

E a illa verdercente cuias veizadas semellaban estremecérense ao acompasado batire dos longos remos que a arela de vida ceibe semellaba tere postos n-elas pra poder sulcare ao seu impulso forte os mares surrentes do vivir sen amos e sen opresión, desacougábase ateigada d' espranzas sementadoras a cada novo paladín que caía.

E novamentes o filósofo-poeta, o home de ferro voltaba a berrare: «¡O tremor da terra afunde moitas fontes e crea moita sede; mais tamén ergue á luz as forzas interiores e os misterios. O tremor da terra revela novos manantiaes. No catacrismo dos pobos antigos xurden manantiaes novos!»

E a illa, antano berce de santos e hogano berce de heróis, andaba a mostrare ao mundo a variedade de tesouros acobillados na sua entrana, que a tiranía do monstruo opresor quixera mantere afundidos na eternidade dos séculos.

E o filósofo-poeta cós seus berros fortes como aceiros, novamente tornaba a berrare: «¿Non sabedes que a disciplina do dóre é a única que até o de agora levou ao home ás grandes outuras?»

E a illa das léndas lumiosas como faros, n-ista hora solemne e xúrdia do despertare dos pobos, abalábase compracida ollando como os seus fillos a erguían á grande outura do vivir libre, sen trabas, inapreciabel recompensa por Deus concedida aos pobos que saben mantere limpa a sua inmaculada dignidade ainda no meio dos meirandes infortunios e torturas...

RAMÓN VILLAR PONTE

SEICIÓN ARQUEOLÓXICA

A MANSION AQUIS QUERQUERNIS

PREÁMBULO

Como foi Galiza dend' a guerra cántabra á invasión sueva? A que grado chegou n-ela a infruencia da relixión, dos usos e dos costumes de Roma? Foi autiva ou non a migración dos latinos á nósa patrea galega? Os celtas ou celtoligures qu' a poboaban, deixaron logo as bragas pra vestir a toga, ou continuaron apegados durante moito tempo a sua maneira de ser? Non se sabe.

Podemos somentes decir qu' a nósa lingua ten orixen latino; qu' os romanos estabreceron eiquí a colonia de Lucus Augusti, que das catro vias militares qu' iban de Asturica a Bracara, tres atravesaban a Galiza; que teñen aparecido ouxetos, restos d' industria e vestixios d' esplotaciós mineiras da época d' os romanos; que nos moimentos epigráficos, non moi abundantes, aparecen frecuentemente nomes de dioses, de xentes e de presoas d' indudabel raiz indíxena, e nada mais.

Os historiadores da epoca augusta Xifilino, Sparciano, Lampridio, Capitolino, etc., nin por casualidá din nada da nosa terra. Eiquí non houbo sublevación de provinciales afogados polo fisco, nin procramación d' emperador a cargo de lexionarios revoltados. Conócese que Galiza estívose queda e calada y-os esquirtores que relataban a groria de Roma y-os feitos outos ou baixos dos Césares nada tiveron que decir d' ela.

Os xeógrafos y-os cientificos d' aquil tempo Strabon, Plinio, Mela e Ptolomeo, falan do noso pais coma podería falar do Senegal un xeógrafo do século XVIII. Vese que Galiza non intresaba nin preocupaba ás xentes e qu' era mirada com' unha cousa lexana e perdida aló, no cabo do mundo, cara o mar sin fin e sin lindeiros.

Hastra o século IV non sabemos de ningun galego qu' houbera brilado na literatura, na

milicia ou na adeministración. Somentes, acachadiño n-un escrito de Marcial aparece Lucio, un poeta a quen compara con Horacio o gran satírico español.

E ainda no século IV as tres grandes figuras que se dan coma galegas, o papa Dámaso, o emperador Teodosio y-o heresiarca Prisciliano, non se sabe fixamente se naceran eiquí ou n-outro lado, e de todol-as maneiras nada dixeron da nosa terra.

Así é que pra o estudio da Galiza romana pódese decir que non temos mais decumentos qu' os qu' a Galiza nos dé. As lápidas, o estudio das vías, os restos esnaquizados do arte e da industria, vel' eiquí as fontes a esaminar, as que nos teñen que dar a resposta das preguntas que facíamos ó principio d' iste párrafo.

En epigrafía tense traballado moito e bén; Sarmiento, Ceán, Barros e nos nosos tempos Vázquez Núñez y-o gran D. Marcelo Macías, trascribiron, interpretaron e traduciron moitas e moi intresantes lápidas.

Os trazado das vias está ben determinado n-os estudeos de Saavedra, Blazquez e Sanjurjo, pero falta o principal, falta preguntar á terra os seus segredos, falta remover a arcilla dos aluviós yo sábrego das montañas; e pra esto non basta o entusiasmo mais aceso, nin a mais outa cultura, percísase tamén diñeiro, ese diñeiro que na Hespaña fuxe sempre das más da cencia pra ire Deus sabe onde.

E así as cousas non cabe ós aficionados a istas clas d' estudios mais qu' un recurso: o de prauticar esproraciós preliminares, o de fixar d' unha maneira certa o lugar dos yacimentos históricos pra qu' outros mais afortunados terminen o labor comenzado. Empresa modesta e pequena com' operación de vanguardia que descubre o terreo y-avisa ós que veñen atrás. Traballo útil pero que ten a tristura das cousas que s' empezan sabendo que non s' han d' acabar.

Y-esto foi o que nos fixemos en Aquis Querquernis. Queira Dios qu' o noso labor poda ser terminado algún día.

Os Quarquernos

Dí Schulten, que de todal-as rexiós da Hespaña a úneca que conservou durante a época romána a sua división en tribus, foi Galiza. Non temos noticia da mor parte d' elas, pois os escritores d' entón resistíanse a estampar os seus nomes por sonarlle a cousa bárbara e pouco eufónica, *ignobilium ac barbarae appellationis*, que dí Plinio.

Hai si nembargo algús que por pertencer a agrupaciós mais importantes e millor coñecidas, ou por ser de mais agradable pronunciación aparecen citadas frecuentemente. Tal ocurre co da tribu ou civitate dos *Querquerni*, nomeadas así por Plinio o Vello entr' os pobos do convento Bracarense, e que s' alcontra desfigurado en Ptolomeo, qu' escribiu *Cuarceni*, posteriormente no Anónimo de Ravena baixo a denominación de *Cerceni*.

Na célebre iscrinción da ponte de Chaves que reproducimos a continuación, figuran entr' os dezpobos dedicantes os Querquernos qu' eiquí convírtense en Quarquerni.

IMP.CAES.VESP.AVG.POT
MAX.TRI.POT.X.IMP.XX.P.P.COS.IX
IMP.T.VESP.CAES.AVG.F.PONT.IRIB
POT.VIII.IMP.XIIII.COS.VI
. . . . . .
. . . . . .
C.CALPETANO.RANTIO.QVIRINAL
VAL.FESTO.LEG.AVG.PR.PR
D.CORNELIO.MAECIANO.LEG.AVG
L.ARRVNTIO.MAXIMO.PROC.AVG
LEG.VII.GEM.FEL
CIVITATES.X
AQVIFLAVIENSES.AOBRIGENS
BIBALI.COELERNI.EQVAESI
INTERAMICI.LIMICI.AEBISOC
QVARQVERNI.TAMAGANI

O motivo d' ista dedicación debeu ser según á autorizada opinión do sabio epigrafista alemán Hübner, a concesión do *jus latii* que Vespasiano otorgou a toda a península, ou cecais algunha outra mercé dada por aquil emperador ás civitates dedicantes.

Sea o que queira, esta lápida y-os testos dos autores antes citados demostran d' unha maneira crara e terminante a esistenza d' un pobo Quarquerno pertenecente ó convento xurídico de Bracara.

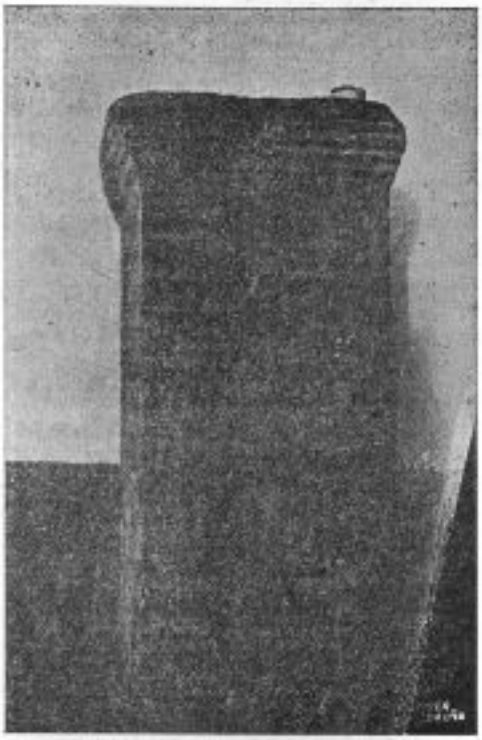
Vamos agora co ausilio do Itinerario d' Antonino Pío e dos traballos que sobr' a vía número 18 do mismo téñense pubricado, a determiñar a situación d' ise pobo Quarquerno.

Aquis Querquernis

A dita vía penetraba na Galiza pol-a Portella do Homen, cruzaba o Limia na Ponte Pedriña cerca de Cabaleiros seguindo o marxen direito d' aquil río entraba n-Antela por Rairiz, pra sair d' ela por Vilar de Barrio; escalaba o Rodicio, e despois de pasal-a Navea chegaba a Trives; baixaba o Bibey, retorcíase nos codos

de Larouco e pasando pol-a terra de Valdeorras entraba en Castela pol-as serras do Bierzo.

As catro primeiras mansiós d'esta calzada, según o Itinerario d'Antonino, y-as suas dis-



A ara romana da ireixa de Santa Comba

tancias respeutivas en millas, admitidas pol-o Sr. Blazquez son as siguintes:

Bracara	0
Salaniana	21
Aquis Originis	18
Aquis Querquernis	14
TOTAL	53

Sabemos po'-o tanto qu'a 53 millas de Bracara esistía unha mansión da vía é decir un punto de parada con pousada pr'os viaxeiros y-os soldados e onde residía parte do personal adscrito á compricada adeministración das postas imperiás, e que según nol-o indica craramente o seu nome estaba situada na terra ou país dos Querquernos.

Coñecida a distancia d'esa mansión a Braga, e coñecido o trazado da calzada parece fácil a determiñación do lugar onde s'asentaba, pero as difrentes lonxitudes das millas, que variaban según as medidas particulares dos paises que atravesaban os camiños romanos y-o achádego dun miliario siñalando P M XXXVIII a Braga e que Castellá Ferrer e Cean confundindo os Baños de Río Caldo cos de Bande colocaban n-iste último punto, levaron á algús a situar a mansión d'Aquis Originis no dito lugar de Baños de Bande, chegando o P. Sarmiento a levar Aquis Querquernis a Zarracós, aldea situada entre Celanova y-Allariz, fora por compreto da direución da vía.

Afortunadamente traballos posteriores, e sobre todo os notabres estudios de Blaquez e Sanjurjo que chegaron a fixar d'unha maneira moi aprousimada o valor da milla n-esta vía, permiúronlle afirmar sin xénero de duda qu'a mansión d'Aquis Querquernis estaba emplazada no término parroquial de San Xoan de Baños de Bande e non lonxe do lugar onde s'alcontran as fontes termales que serviron ós romanos pra nomear aquil lugar.

Podemos pol-o tanto colocar os Querquernos na rexión do Límia medio y-ocupando terreos do autual distrito de Bande, onde estarían estabrecidos seguramente moito antes da chegada dos romanos.

Crese qu'as mansiós das vías estabrecíanse sempre co trazado das mismas o permitía, en lugares poboados y-o frente das agrupaciós indíxenas de mor importancia.

As difrentes distancias mansionarias que non s'axustan a un plan fixo de relevos de postas, mais cercanos ou mais lexanos según a natureza do terreo, y-o sistema latino d'estabrecer ó longo dos camiños centros de romanización, fai supor qu'eiquí en Galiza ond'a fundación de colonias itálicas foi escasísema, aporveitaríase pra colocar as mansiós, puntos de residencia de moitos empregados romanos, as vilas indíxenas esistentes, pra desd'elas facer irradiar o romanismo ó seu arredor.

De pasar ísto en Aquis Querquernis, teríamos qu'alí vivirían xuntos romanos e celtas, conquistadores e conquistados, verificándose pol-o tanto a confluencia das duas civilizaciós que tería que reflexarse nos ouxetos de uso diario, nas construciós e no arte, cuyos restos d'esistir poderíannos servir pro estudio do romanismo na nosa terra moito millor que con desquisicios feitos no aire.

E ainda hai outra circunstancia qu'añade importancia á mansión que nos ocupa, a de ser lugar d'empalme d'unha vía secundaria que saía da principal probablemente pra Lugo.

O estudio d'ista vía ainda non está feito pero a sua esistencia está probada pol-o achádego de duas miliarias, unha en San Lourenzo de Cañon y outra en Barxiña e d'ela téñense ocupado xa Vázquez Núñez, Sanjurjo e Puig y Larraz.

A epigrafía latina de Baños de Bande y-a Irexa de Santa Comba

Co dito somentes, xa se pode aventurar a hipótesis da esistenza en Aquis Querquernis d'unha vila romana ou celto-romana, de relativa importancia, desaparecida cicais nos días da invasión sueva, ou posteriormente nos tempos das incursiós árabes ou normandas,

Pero unha vila non desaparece sin deixar siñal de sí. A pedra é dura e non podrece, y-a mais, nas casas arruinadas hai moitas cousas qu'aproveitar. Os sillares labrados e os cachotes ben asentados poden servir pra erguer n-outro lado novas paredes, os restos d'un tempro pagano poden ir adornar unha irexa de Cristo. Lembremonos das ruinas da Colonia Ulpia estabrecida por Trajano en Sarmizegetusa, que queimada y-esnaquizada foi nai de doce lugares valacos.

Y-hai ademais as lápidas, esas laxas ond'os pobos antiguos fixaban as suas invocaciós ós dioses, os nomes dos seus mortos y-os dos seus césares e maxistrados.

Nos emplazamentos de toda cidá romana ten qu'haber d'istas lápidas e pol-a sua natureza y-a sua abundancia pódese xuzgar da importancia da vila onde saíron.

Hai nos alrededores da vella mansión de Aquis Querquernis indicaciós d'esta clás? Téñense atopado n-iles moimentos da epigrafía latina? Si, y-en mor cantidade que n-outro calquer sitio da provincia d'Ourense.

Os dous lugares mais próusimos e que según veremos despois serviron d'asento á vila romana, son os de San Xoan dos Baños e Santa Comba de Bande, e n-un e n-outro téñense atopado as lápidas y-os vestixios que vamos a mencionar.

Nos Baños de Bande as siguintes lápidas:

Hübner 2530

NIMPHIS
BOELI
VS.RVF
VS.PRO
SALUTE
SUA.V:S

Adicación de Boelio ás Ninfas.

Hübner 2531

CAR..BE
FLACIS
SECVNDI
V.S.

Adicación á divinidade cujo nome non pode interpretarse.

Hübner 2532

V.S.

Resto de unha inscrición votiva.

ós que se pode axuntar a miliaria de Maximino o godo que dimos a coñecer no número 7 da nosa revista.

En Santa Comba apareceron:

Hübner 2518

MAXV
MVS.LOV
ESSI.F.LA
RIBVS.VI
ALIBVS
V.S.L.M

Adicación de Maximo fillo de Lucrecio os lares viales.

Hübner 2529

ROSALUT
VLIAEAV
MATRI
ASIROR
IAC.DA
IDIVSM
RINVS
R ∞ DI
CAVIT

Lida de novo esta lápida por D. Marcelo Macías, resulta unha adicación a Xulia Donna feita por Lucio Didio Marino prefecto de una cohorte.

Hübner 4851

....MP...
...SOD...C

Indescifrable.

Capitel romano da irexa de Santa Comba

En total sete lápidas atopadas nun pequeno espacio de dous kilómetros e nas duas aldeas mais vellas de todo o contorno, as duas únicas seguramente qu' aproveitarían en tempos arredados os materiás da desfeita mansión romana, o que fai aparecer istes lugares com' os mais abundantes en epigrafía latina de toda a provincia.

Imos agora esaminar os vestixios d' outra

Paramento esterior do muro pol-o nacente

clás qu' aparecen tamén nas duas aldeas citadas. Sabido é qu' a irexa de Santa Comba, decrarada fai pouco, moimento nacional, é un dos raros exemprares que quedan na península do chamado estilo visigótico, e que por ista razón, téñense escrito sobre d' el moitos e moi eruditos traballos.

Pois ben, n-ista irexa esisten servindo de soporte aparente, ó arco de ferradurà que s' abre diante do altar colocado no fondo da nave que mira ó nacente, catro colunas cos seus capiteles feitos en mármol, e na nave do mediodía unha ara da misma materia d' un metro vinteun centímetros d' outura.

O Sr. Sales e Ferre, falando nun artigo que pubricou no *Boletín de la Comisión de Monumentos de Orense*, d' istes ouxetos decía o siguinte:

«*Evidentemente los fustes de las columnas son romanos y dos de los capiteles también.*

E mais adiante:

En el brazo del mediodía existe arrimada a la pared, una hermosa ara romana de mármol con la inscripción borrada.

D' onde puderon ir á irexa visigótica istes restos romanos? Non é aventurado supor qu' estando separado o lugar de Santa Comba menos d' un kilómetro do asento d' Aquis Querquernis, pertenecerían a un tempro pagano ou algunha outra edificación d' esta vila, en cuyo caso teríamos que lle supor, desde logo, a riqueza y-a importancia que resultarían do uso de materiás de costrución de tanto precio.

Cicais se nos poda ouxetar que todo elo pudo ser trasladado desde Guadix co corpo de San Torcuato, pero isto que podería ser comprensible respeuto dos fustes e dos capiteles resulta pouco probable tratándose da ara, que nin com' adorno, nin coma ouxeto d utilidade, podería compensar o traballo y-o gasto d' un tan longo traslado.

Nos Baños de Bande non tivemos a sorte de atopar as basas, colunas e capiteles que menciona Sanjurjo no seu estudio da vía núm. 18 do Itinerario. O único elemento arquiteutónico que nos mostraron foi un fuste qu' apareceu atuado ó pe d' unha casa e qu' o mismo pode ser romano que d' outra época calquer.

Está, en troques, fora de dúbida a esistencia no dito lugar, d' un vello estabrecimento termal situado no sitio qu' ocupa o qu' está agora en esprotación, e cuya coetanidá coa época da dominación latina na Galiza está ben demostrada por vestixios alcontrados no chamado baño dos cabalos e sobretodo pol-a inscriución Boelius Rufus da qu' antes fixemos mención e qu' é análoga as aparecidas en Molgas y-en Ourense tamen preto de fontes termales.

Foi atopada tamen en Baños de Bande unha figuriña de marfil, que representa a un lexionario romano e qu' está depositada no noso Museo Arqueolóxico.

A cidade

Compreto xa o examen de todo o qu' os autores crásicos y-os modernos eruditos dixeron dos Querquernos e da mansión estabrecida no seu territorio, y-estudiados os restos romanos atopados nos arredores do seu emprazamento, imos agora a determiñar iste d' unha maneira precisa e crara, facendo mención dos vestixios

alcontrados nas duas escavaciós por nós emprendidas.

No número 5 d'ista revista dimos conta da primeira das ditas escavaciós nas líneas siguintes:

«O día 5 de San Xoan, fíxose unha esproración prelimiar nos vestixos d'unha antiga vila romana, no lugar dito *a cibdade*, á veira do río Límia en Porto Quintela perto dos Baños de Bande, pol-os nósos compañeiros Ramón Otero Pedrayo, Florentino L. Cuevillas e Vicente Risco, acompañados do culto abogado de Bande D. Farruco Pena.

D'istes vestixios fala xa Cean Bermúdez, y-o lugar é bén coñecido dos veciños dos arredores, que das antigas costruciós sacan pedra pr'as paredes das suas leiras, e teñen atopado elí tamén moedas e potes de barro negro, dos que non se conserva ningún. Pol-o mal tempo que faguía non se pudo faguer mais que poñer en descuberto seis metros de muro direito, feito de cachotería bén asentada, d'un groso de cincuenta centímetros. Os cachos de tella romana atópanse a frol de terra, e na escavación que se fixo non s'atoparon mais que dous cravos de ferro e testos de barro negro e marelo, antr'iles un roxo vidrado moi polido e brilante. Os traballos dos veciños que deixaron ó aire os cimentos das casas, dan a ver qu'estas eran de planta cadrada ou reutangular, e cobrían unha estensión considerabel do tarreo, n-un aluvión do Límia, seguindo tamén pol-a veira esquerda do río.»

O día 9 do pasado Outubre y-acompañados ista vez do noso entrañable amigo o cultísimo catedrático de Literatura do Istituto d'Ourense, Xaime P. Colmán, voltamos a Baños de Bande pra recomenzar as nosas esproraciós arqueolóxicas.

Comenzámolas abrindo unha zanxa separada sete metros do lugar onde alcontraramos o muro de que mais arriba se fai mención, y-os poucos centímetros de fondura tivemos a sorte de tropezar c'unha nova parede que se estendía en direución Norte Sur e que presentaba carauteres de sólida e coidada costrución. Procuramos en primeiro lugar determiñar as duas caras verticales da misma o que conseguimos despois d'algún tempo pois a sua anchura era moito mor do que nos figuramos nos primeiros momentos. Atopadas xa as duas caras buscadas, continuose cavando rente d'elas conseguindo por ó descuberto un murallón de vinteseis metros de longo por tres de ancho, feito de cachote e recuberto nos dous lados esteriores por sendos paramentos formados de pedras rectangulares de trinta centímetros de longo e vinte de ancho, moi ben conservados na parte inferior pero que faltan casi por compreto na superior. En todo o longo dos vinteseis metros non pudemos ouservar siñal ningunha de porta nin d'outra perforación do muro. Somentes no estremo Sur alcontramos dous ensanchamentos un de cada lado que cicais poideran ser o principio d'un ditel, cousa que non pudemos averiguar, pois a finca onde realizabamos os traballos, gracias a xentileza y-amabilidade do seu propietario don Xaime Pérez tiña alí o seu linde, y-o dono do novo predio non sentindo o mais pequeno intrés pol-a ciencia arqueolóxica negouse redondamente a consentir na sua leira a continuación das nosas esproraciós.

A que clás d'edificio podería pertenecer o muro descuberto? Co que d'il vimos non e fácil emitir un xuicio esauto, pero tendo en conta o seu grosor, tres metros, y-a sua lonxitude vintescis, sin siñal de vano algún, pódese supor con

Paramento esterior do muro pol-o poniente

certas reservas, si formaría parte d'unha obra defensiva, lenzo de muralla ou parede de torre. De todal-as maneiras a esistenza d'unha edificación da manitude qu'indica a obra descu-

berta, atopada a mais no medio de restos que alcanzan asegún a xente do pais seiscentos metros de longo, ó largo da marxen izquerda da carretera d'Ourense a Portugal, por oitocentos d'anchura desd'a linde da dita carreteira ó Limia e que siguen n-outra veira do río, mostran craramente qu'Aquis Querquernis non foi unha simpre mansión, senón que constituía unha vila ben poboada según o proba a sua estensión, e bastante importante dend'o momento que tiña edificios tan considerables como aquil de que formaba parte a parede posta ó aire por nós.

Nas zanxas abertas nada s'atopou d'intrés. Nas capas mais superficiás da terra apareceron varias tellas romanas rotas, y-a un metro de profundidá unha asa d'un xerro de barro marelo e un testo d'un vaso d'arcilla roxa esmaltado é adornado con catro liñas aparelladas postas en sentido horizontal e us pequenos círculos, todo elo en relieve. Atóparonse tamen varios trozos d'unha especie de ganga metálica misturada con terra e cuarzo, que nos fixo lembrar das vitrificaciós de que fala Dechelete, pero sobre cuio orixen no nos atrevemos á aventurar ningunha opinión.

Resume

En vista do esposto pódense formular con toda seguridade as concrusiós siguintes:

1.ª Qu'entre Baños de Bande e Santa Comba frente ó pobo de Porto Quintela, existen na veira direita do río Limia vestixios abundantísimos d'unha cibdade romana ou celto-romana, cuia manitude non pudemos determiñar con esatitude pero qu'a xuzgar pol-os ditos da xente do pais e pol a gran estensión en que s'alcontraran restos de muros, tellas e anacos de cerámica, ten que ser considerable.

2.ª Qu'a dita cibdade debeu ser importante por reunir en sí as circustancias de ter un estabrecimento termal coñecido na época romana é por ser lugar d'empalme de duas vías que travesaban paises ricos e moi poboados.

3.ª Que coma siñales vivas da sua importancia quedan as lápidas, mais numerosas alí qu'en ningún outro lado da provincia, a ara y-as colunas de Santa Comba que deberon pertenecerlle, y-a muralla por nós descuberta que tivo necesariamente que formar parte d'un edificio grande e de coidada arquiteutura, e

4.ª C'as ruinas en cuestión son as da cibdade d'Aquis Querquernis situada no pais dos Querquernos y-onde os romanos estabreceron a 4.ª mansión da vía n.º 18 do Itinerario de Antonino.

Final

Temos pol-o tanto conseguido o propósito qu'anunciábamos ó principiar este artículo. Siñalar d'unha maneira certa o lugar d'un yacimento histórico.

Alá quedan veira do vello Lethes, e baixo os carballos das touzas, y-as carpazas do monte, as venerables pedras d'antiga vila romana. Nós apartámonos d'ilas con door e sintindo non ter as artes máxicas de Merlín o feiticeiro celta pra facer surxir da terra a cibdade morta y-atuada e obrigala a vivir un istante diante dos nosos ollos, coa maxestade dos seus tempros y-a forza das suas murallas, baixo iste sol dourado d'outono que tanto sabe de cousas vellas qu'il alumeou e que cicais ri dos esforzos dos homes sempre afaenados en costrcir e desfacer.

FLORENTINO L. CUEVILLAS

OS HOMES, OS FEITOS, AS VERBAS

A VOLTA DO CASTELAO

Xa volvemos ter na casa ó Castelao. Castelao, a quen o boletín NOS debe astr'o nome que leva, é tan noso, qu'estamos dispensados de toda loubanza.

Castelao estivo en París, percorreu os Paises Baixos y-a Alemaña. Non se senteu inferior a nada; todo o viu e deprendeuno todo. A sua potente orixinalidade ergueuse xurdia ó s'enfrentar cos homes e coas obras da grand'Europa. Ollou a vida de nazós cultas, que non por seren pequenas s'aveñen a renunciar a sí mesmas; enton, as suas arelas de recostrución da Nazonalidade galega atoparon sólido basamento confortadore, n-unha ansia universal qu'onde queira s'apalpaba. Castelao falou cos bávaros e mais cos flamengos, e se galego foi, voltou mais galego.

Castelao enrequentou con novos recursos a sua mestranza técnica, e concibeu proieutos novos d'outas realizaciós artísteeas, d'un estrevemento xenial. Pensando de cote na nosa terra, e no moito que n-ela compre faguer, Castelao estudou noite e día y-estudou ben. Trai o tempo aproveitado: todo pra nosa Galiza...

Namentras estivo fóra, prohibíunos termiñantemente que nin tan xiquera falásemos d'íl. As suas cartas cheas d'intrés polas suas fondas ouservaciós y-os seus xuizos orixinás asombrosamentes atinados, viñan dende xá condenadas a seren silenciadas. Agora, xa é outro cantar.

Agora, NOS principará a recoller canto íl escriba en col das cousas vistas, sentidas y-estudadas, no seu froitoso viaxe, outo enseña pras novas xeneracións galegas, encarregadas, pola vontade de Deus, de seren as forxadoras da futura Galiza ceibe e criadora, enxebre y-europea; a Galiza incorporada, sen intermediarios importunos e costosos á comunidade da cultura das nazós do Norte d' Europa, á que perteneceu nos tempos groriosos da civilización enxebre qu' ergueu os grandiosos moimentos dos Canzoneiros e do Portico da Groria.

O HOMAXE A LEIRAS PULPEIRO EN MONDOÑEDO

Aquela veneranda figura, tolstoiana ou druídeca, de longas barbas apostólecas de prata, de xeito nobre e bó de Don Manoel Leiras Pulpeiro, ten un relevo moi particular nas nosas letras. E teno moi especialmentes, ademais, pola época na qu' está situada: a época estéril dos quince pirmeiros anos do noso século, cando, seguindo o eixempro do Valle-Inclán, os escritores galegos deixaron pra un lado a nosa lingoa pra se dedicaren a enrequental-a lingoa de Castela con verbas, xiros e frases roubados á galega. Pódese decir, pois, que Leiras Pulpeiro é caxeque úneco n-aquila época.

Naceu Don Manoel Leiras Pulpeiro en Mondoñedo, en 1854, y-era fillo d'un médeco. Nos anos 1867 e 1868, estudou latín no Seminario d' aquela vila, y-en 1877 recibiuse en Madrid de licenciado en Meiciña, exercendo logo a profesión no seu pobo, con sabencia e concencia. Foi o amigo garimoso dos probes e dos homildes, ós que ofrendou a sua cencia e mais a sua inesgotabel caridade. Home d' esprito libre e democráteco, figurou sempre no partido republicano-federal, e mais se cadra por independenza de caraute ou por reaición natural contra d'un medeo timorato d' abondo e de pensar estreito, que por outra causa ningunha, foi tamen libre pensador e laicista.

Galego enxebre e coscente, d' esprito ergueito e xúrdio, amou á sua Terra y-á lingoa dos seus páis. Escribiu en galego versos cheios d' encanto e de recendo popular. Amante do pobo traballador e dos seus costumes sinxelos e patriarcás, d' iles e da beleza do meigo chau mindoniense e da mariña de Lugo, sacou a sua ispiración sinxela e sen artificio... Leiras Pulpeiro foi tamén dos nosos; foi dos qu' agardaron arelantes a redención da nosa Terra, dos que soñaron n-unha Galiza forte e ceibe, dos que viviron soñando:

> Co-a alborada do gran día
> Da groria, que, hai moito espera
> Pra se ver outra Galicia...
>
> *(Pousadeiro - A Mariña, 1903.)*

Don Manoel Leiras Pulpeiro pasa por un dos que millor escribiron a nosa lingoa, e dos que millor a coñeceron. A sua contribución á obra do diucionario galego-castelan da Academia galega, foi de moita consideración, ainda qu' endexamais quixo formar parte da corporación aquela. As suas poesías son un tesouro pro estudo da lingoa galega, pol-a sua gran riqueza de formas e de lésico.

Colaborou no *Tio Marcos da Portela*, de Lamas Carvaxal, y-en outras pubricacións galegas y-americanas. En 1911 pubricou *Cantares gallegos*, mais o mais importante cecais da sua obra áchase ainda inédito. Son moitas cousas en prosa y-en verso, sen contal-as qu' íl inutilizou pouco antes de morrer por consideralas indinas da literatura galega.

Leiras Pulpeiro morreu no ano 1912 e foi enterrado no Cimeteiro civil de Mondoñedo. Os mindonienses residentes na República Arxentina, pola iniciativa do noso amigo e irmau señor Lorenzo Rico, cónsul da Arxentina n-Ourense, fixeron unha suscrición pra erguer riba da sua cova un sinxelo e severo mausoleo que foi inaugurado o día 30 do mes de Natal c'un sinxelo auto o que asistiron repersentacións de todol-os elementos mindonienses, co Concello á cabeza, Irmandades da Fala e Mocedades Galeguistas, Academia Galega, Asociación da Imprensa da Cruña y-outras entidades d' aquela vila, boletís NÓS e *A Nosa Terra*, e caxeque todal-as asociacións galegas d'Améreca. O pobo inteiro de Mondoñedo acudeu a render homenaxe ó ilustre morto, e o Sr. Lorenzo Rico en nome dos mindonienses da Arxentina, o brilante escritor Ramón Fernández Mato en nome do pobo de Mondoñedo e o noso direitor Vicente Risco e nome dos nazonalistas, falaron brevementes en loubanza do poeta amado dos homildes, rematando o auto co hino galego.

Pol-a noite houbo unha velada de fondo enxebrismo no Teatro do Casino, onde falaron os señores Lorenzo Rico, Villar Ponte, Carré Aldao Rodríguez González, Risco, Peña Novo e Fernández Mato, principiando coa Alborada do ilustre mindoniense mestre Veiga, tocada pol-os notabres gaiteiros *Os Veigas* e romatando co hino galego pol-a masa coral, chamada tamén *Os Veigas*.

O moimento é unha sinxela lápida de mármore con sentida iscrición en galego, dominada por unha coluna rota de pedra de grá que leva unha placa de bronze coa imaxe do poeta.

PRECE A ESPANHA,

por José Raúl da Cruz Cerqueira.

Co gallo do Congreso de Cencias do Porto, o Sr. Cruz Cerqueira, redactor do *Primeiro de Xaneiro*, escribiu iste opúsculo, que non sei que moito íl' agradezan os hespañois de concencia moderna. En verdade, a Pátrea dos Cides e dos Pelayos, vai servida coesta prece que lle fai un románteco, namorado das corridas de touros e dos ollos pretos das *manoas*... Coma por noso ben, Galiza fica fora d'unha Hespaña d'ise xeito, o trabucamento do Sr. Cruz Cerqueira ó nos mandar o seu foleto, non tivo secuencia maor, qu' o noso gusto de faguermos coñecencia co distinto literato portugués. Da *Prece*, conosco non vai nada, en boa hora vaia dito.

BASES DE GOBIERNO DE ARAGÓN

La personalidad de Aragón

1.ª La personalidad de Aragón queda definida por el hecho histórico y la actualidad de querer ser.

2.ª Como consecuencia de la anterior afirma-

ción, proclamamos la libertad absoluta de la nacionalidad aragonesa para el pleno desarrollo de su vida pública sin intervenciones extrañas, y afirmamos nuestra más consciente orientación de convivencia ibérica.

Del territorio

El territorio de Aragón lo constituyen las actuales regiones de Zaragoza, Huesca y Teruel. Las posibles agregaciones de territorios limítrofes podrán realizarse, conforme la razón natural, por afinidad de intereses.

Las riquezas del suelo y del subsuelo, y las fuerzas naturales forman el patrimonio de Aragón.

El ciudadano aragonés

El ciudadano aragonés lo es por el solo hecho de sujetarse a las leyes de Aragón y estar bajo su jurisdicción directa.

Todo ciudadano desde los veinte años puede ser elector y elegido en los cargos públicos y magistraturas.

Las Cortes

a) Las Cortes aragonesas, esencialmente democráticas, se constituirán por sufragio directo y secreto del ciudadano aragonés.

b) El poder legislativo reside en las Cortes y el ejecutivo en el Consejo elegido en el seno de la misma.

c) Este Consejo de Cortes tendrá un Presidente elegido por sufragio directo.

Los Municipios

Los Municipios aragoneses, alma y cuna de nuestro pueblo, serán libres para hacer y deshacer, y poseerán la estructura de una autonomía plena, sin más limitaciones que la Ley orgánica dimanada de las Cortes aragonesas.

Del Poder judicial

Residirá un Tribunal Supremo de Justicia, cuyo Presidente ostentará el título de Justicia Mayor de Aragón. Este tribunal entenderá en última instancia en todos los asuntos judiciales, tanto civiles como criminales. Regirá en Aragón el Derecho Civil Aragonés, y en lo criminal el Código común del Estado. Los Magistrados y Jueces del territorio aragonés habrán de ser ciudadanos aragoneses.

Delegaciones

Aragón delegará en el poder central todas aquellas funciones de carácter militar, diplomático y relaciones internacionales. Contribuirá a los gastos del Estado proporcionalmente a su riqueza y su población.

La Universidad

Será obligatoria la enseñanza y gratuita en toda su extensión.

La Universidad de Aragón debe ser el elemento director de la cultura aragonesa. Asumirá funciones de extensión universitaria, según el formato de última modernidad, con carácter de máxima autonomía económica e intelectual.

Economía

Afirmación del libre cambio como pensamiento económico aragonés, así como la necesidad de abordar el problema de la tierra, el establecimiento del impuesto único sobre el suelo, la canalización del Ebro y la necesaria salida al mar.

P' RAS MOÇAS
DA MINHA TERRA,
por A. Pereira Cardoso

O poeta de *Alma*, de quen xa nos temos ocupado nas páxinas de NOS, ofércenos agora un lindo libriño de cántigas d' unha encantadora sinxeleza popular, nas que quixo conserval-o recendo campesiño da terra miñota, sen adubalas coas falsas meiguices da vida. Son ben cántigas do noso Miño, iguás ás que improvisan os mozos galegos nos fiadeiros e nas ruadas... «O Minho é bom, por que sabe cantar», di o autor, lembrando aquela frase que glosou Nietzsche: «Os homes malos non teñen cantos».

Coma de cote nos portugueses—«Oh, Portugal trovador!—Oh Portugal das cantigas!»—os mais distes cantos de Pereira Cardoso, son cantos d' amor, tantas veces pai da Saudade:

São duas gotas de tinta
Os teus olhos, meu amor;
São eles que põem de luto,
Meus versos de trovador.»

Amorosamentes, Pereira Cardoso envolveu istes versiños sinxelos n-unha edición preciosa e coidada, un libriño pequechiño, de gusto tamén moi popular e miñoto na presentación.

XENTE DA ALDEA,
por Alfredo Pedro Guisado.

E iste un libro galego que nos veu de Portugal, aló editado na nosa fala, un libro feito de lembranzas e saudades. Alfredo Pedro Guisado fai figura no movemento moderno da literatura portuguesa, na que, oito volumes pubricados fan sotique á sua sona. Está metido no fato d' escritores que se chama *Seara Nova*, pioneiros das novas ideias, xente da vangarda política.

Alfredo Pedro Guisado dedica iste libro ô noso gran Castelao—que lle puxo ô libro unha portada das suas—, e nos seus versos, cheos de fondo sentimento galego no séu xeito mais esquisito, que é o amor ô chau e á aldea, está pol-o menos en adeviñanza, non sei se con intención ou sin ela, toda a arte moderna, a creación e a simultaneidade das imaxes, mais en creación espontania e no xeito de vaguedade idealista e musical da nosa Raza. Véxanse as *Esfolladas* por eixempro.

Feiticeiras e saudosas evocacións da aldea, pr'a que o mundo moderno ten que voltar os ollos se se quer salvar, tristuras da Raza e misteréos da noite, hai n-iste libro, sentidas en lirismo sinxe-

lo, e tamén esa ansia de reintegración qu'aló en Portugal igoal qu' eiquí se sinte, e que s' espresa nos poemas *A Voz de Galicia* e mais *El* y-*Ela*.

«O río Miño é un cura
Sin iglesia e sin misal,
Casar Galicia procura
con un nóvio: —Portugal.»

Alfredo Pedro Guisado, pol-a sua vida e obra, é particularmente doado pra espresar no seu verbe isa arela da restauración da cultura galaico-portuguesa dos Canzoneiros e dos libros de Cabaleirías.

HORAS DE DEUS,

por María da Gloria

Teixeira de Vasconcellos.

Iste libro d' emoción sinxela, no que a y-alma místeca de Portugal torna a ser piadosa e cristiá coma no tempo antigo, foi pra nós unha leda revelación. María da Gloria Teixeira de Vasconcellos é irmá do noso admirado Teixeira de Pascoaes. E a ela a quen o mestre dedicou.

E ela tamén escribe cousas que nos fan lembrar da nosa Rosalía, na santidade d' alma e gracia delicada, E mesmo consola, a volta de tanta impiedade, e de tanta dúbida tormentosa e adoecida, ollar unha y-alma de poeta que ainda sabe cair de xoellos ós pés de Deus e da Nosa Señora. E mais en Portugal... E coma si un atopara, á veira do camiño fatigoso, un poyal onde pousar ollando na campía a paz serea d' un serán dourado... Que poucos saben vel-o grande da homildeza, sentil-a oración da *Pobresiñha* «que pede para rezar»! E mais Alguén nos mandou que fósemos así...

María da Gloria Teixeira de Vasconcellos é poeta e nai, as duas cousas con todal-as tenruras, con todal-as bágoas, con todal-as saudades... Coma non iba saber rezar? E non esquece a aldea, non esquece a lareira ond' o Pasado vive en evocación; nona esquece nin nos montes da Suiza; coma Rosalía, ela adora a sua terra, o seu corruncho, marca de distinción dos espritos fidalgos, qu' ainda os hai... Por moi degradada que s' atope a especie, ainda non é todo no mundo plebeyismo ensoberbiado y-epilepsia adoecida.

A lírica de María da Gloria Teixeira, no deixa de ser imitante á do seu irmau. Non é n-ela tan prenunciada a vaguedade, porque, en troques do alcance filosófico, moitas veces profeteco do mestre, leva unha certidume que o simples idealismo non dá. Mais o sentir, ainda qu' eiquí se non faga doutriña, e ben o mesmo que no supremo poeta da Saudade.

BOLETÍN DE LA

REAL ACADEMIA GALLEGA,

Año XVI, número 141,

Coruña, 1.º Noviembre 1921.

O Dr. J. J. Nunes fai un estudo en col de *Coruuha: Sua proveniencia e etimologia*, do que a síntese é: O nome antigo da Cruña foi *Brigantium*, céltigo. Destruída polos árabes e repoboada dende Alfonso I, os seus novos moradores déronlle polos séculos IX ou X o de *Clunia* que se transformou en *Cruña*, nome qu' aparece por primeira vez no *Foro dos cregos*, do que pasou a *Cruña*, que na forma latinizada *Curunia* está nun diploma de Alfonso IX. Os novos povoadores procedían pois da antiga *Clunia (Coruña del Conde* que s' escribía *Cruña* no século XVI). O nome *Clunia* veu da latina *Colonia*. Froisart chama á Cruña *Cologne-sur-mer*... Todo isto non está mal armado, mais, aixiña o autor di: «Mesmo a palavra *colonia* só por sí, abstraindo da forma transmitida, dava *Cruuha*, pela reduçao de *colo* a *clo*, motivada pela formaçao do grupo consonántico e passagem de *o* a *u* pelo contacto con a palatal *nh*...» Logo, que precisión hai de faguer vir ós *novos moradores* da nosa Cruña de Coruña del Conde?—*Periódicos Compostelanos*, por D. Armando Cotarelo Valledor, faguendo estoría d' algunhas vellas pubricacións, das que non deixaría de cumprir un estudo fondo prá estoria do movemento das ideias en Galiza.—*Los Canónigos de Santiago*, por Pablo Pérez Constanti.—*Un notable escudo dela Coruña*, por César Vaamonde Lores.—*Bibliografía* sobre libros galegos, d' Euxenio Carré Aldao.—Seición oficial.

SEARA NOVA,

revista quincenal de doutrina

e crítica, núm. I. Lisboa, 15

de Outubro de 1921.

Principou a se pubricar en Lisboa esta revista social-demócrata, d' educación popular e de combate, órgao d' un fato d' escritores que se non propoñen propiamentes unha campaña politeca, mais seguramentes un fondo labor politeco. Forman o corpo direitivo: Aquilino Ribeiro, Augusto Casimiro, Faria de Vasconcelos, Ferreira de Macedo, Francisco Antonio Correia, Jaime Cortesão, José de Azeredo Perdigão, Cámara Reys, Raul Brandão, Raul Proença. Os fins que se propon están decrarados: «Renovar a mentalidade da élite portuguesa, tornando a capaz dum verdadeiro movimento de salvação.—Criar uma opiniáo pública nacional que exija e apoie as reformas necessarias.—Defender os interesses supremos da nação, opondo-se ao espírito de rapina das oligarquías dominantes e ao egoísmo dos grupos, classes e partidos.—Protestar contra todos os movimentos revolucionarios, e todavía defender e definir a grande causa da verdadeira Revolução.—Contribuir para formar acima das Patrias, a uniáo de todas as Patrias.—Una consciencia internacional bastante forte para náo permitir novas lutas fratricidas.»

Seara Nova arremete fortementes contra dos integralistas e mais contra da *Cruzada Nun' Alvares Pereira*, e trai intresantes traballos, antr' iles un do ilustre economista portugués Ezequiel de Campos, e anuncia unha seición de gran utilidade informativa en col do movemento centífeco, filosófeco, ético, artísteco e social, a cárrego do Sr. Faria de Vasconcelos. Alfredo Pedro Guisado é tamén dos colaboradores de *Seara Nova*.

VIDA ARAGONESA,

revista de Arte. Zaragoza,

año I, núm. 2, 29 Octubre 1921.

N-outra parte falamos do movemento nazonalista en Aragón. Antr' as suas manifestacións podemos contar esta revista, que si non ten a consistencia doutriñal y-a firme vontade que ten *El Ebro*, é unha boa mostra d' intención cultural aragonesa. Sumario d' iste número: *Los Pescadores*, estudio de F. Coyne (grabado).—*Nuestro camino.*—*Jaca histórica*, por Almogavar.—*El resurgimiento de Aragón*, por José María España.—*La masa coral.* - *Presunción infundada*, por Luis Martínez Gracia.—*Belver del confín*, por Felipe Alaiz.—*Dos exposiciones de pintura.*—*Confraternidad de artistas*, por Luis Torres.—*Mariano de Cavia.*—*Domingo provinciano* (poema), por A. Soto.—Fotografías de actualidad.—*La ciudad desde las alturas.*—*El problema de la Hacienda*, por Luis del Valle.—Bibliografía y noticias.—*Princesa de ensueño*, por Pablo Parellada.—*La satisfacción*, por Bonifacio García de Menéndez.

LA DOUCE FRANCE,

4e année, N.º 35, Octobre 1921.

D' iste número é moi intresante o estudo de François Bidet en col da *Estéteca de Peladan*. Iste persoaxe, un provenzal que pirmeiro figurou, coma Mallarmé no movemento *felibre*, a caron do gran Mistral, a quen sempre tivo lei, e logo foi gran polemista ruskiniano, catolico e teósofo—anque coma ocultista non mereza moito creto—ten sen duda un gran intrés. A Condesa de Pardo Bazán leeuno moito e tiñao en fonda estimanza. El fundou a Orde da Rosa Cruz, na que se meteron moitos escritores, pintores e músecos, antr' eles o famoso Erik Satie, que fixeron gran campaña artísteca. Pubricou as catorce novelas da *Decadenza latina*. Estudou ôs vellos mestres da pintura. Divulgou a filosofía de Leonardo de Vinci. Mr. François Bidet fai notal-a limitación de criterio artísteco do Sar Peladan, home que endexamais soupo sintil-a natureza, e pono en comparanza con Taine, a quen o Sar quixo refutar na sua obra *L' Art idealiste et mystique*, que contiña a doutriña da Rosa Cruz. Peladan era un ruskiniano incompreto, pois Ruskin comprendeu y-amou a natureza; Peladan era clasicista; Ruskin era prerrafaelita. O Mestre morreu deixando moito rastro atrás de sí; o discípulo vive ainda, mais esquecido de todo. Mais ainda ten Peladan outro aspeuto mais digno de nota: Peladan é wagneriano. Hastra certo punto, decatouse da importancia que o wagnerismo leva dentro de si, ainda que agora non todos lla queiran recoñecer... Ainda hai moito nos libros de Peladan, pra que, os que os lean con cachaza poidan aproveital-o tempo.

O MOVIMENTO NAZONALISTA EN ARAGON,

Cando menos se pensaba, do vello Aragón que somellaba tan esquecido da sua groriosa tradición d' independenza políteca, da patria do recalcitrante Cávia, chegounos a nova d' un rexurdimento xurdio merecente da meirande loubanza e simpatía. Xulio Calvo Alfaro, dende Barcelona, foi quen nos noticiou de qu' Aragón tamén espertaba, y-espertaba xurdiamentes. *El Ebro*, un boletín cheo de densidade ideolóxica e de sabencia políteca chegou a nós, y-encheunos de ledicia, ô nos siñalal-o abrente d' unha nova vida aragonesa. Outras novas ainda nos fixeron saber d' unha élite integrada por homes coma Xulio Calvo Alfaro, Mir, Gregorio Rocasolano, Andrés Jiménez Soler, Francisco Bastos, Juan Moneva Puyol, Manuel Marraco, Domingo Miral, José María España, Juan Pío Membrado, José María Sánchez Ventura, Salvador Minguijón, José Mur Ainsa, Angel Samblancat, Felipe Alaiz, Sancho Izquierdo, etc., decidirase ô cabo a restituir a Aragón na sua persoalidade e nos seus direitos, e de qu' isa élite non estaba isolada da opinión aragonesa.

Os aragoneses lévannos ventaxa no istinto políteco, na preparación estórica, na firme vontade orientada. Teñen o que non temos nós: unha Universidade súa, inteiramentes súa. Nós estamos millor qu' a iles na creación artísteca e literaria e levamoslles a ventaxa de termos unha lingoa propia. Con todo, o Aragonesismo xa foi mais adiante do que fomos nós no Programa de Lugo.

Recibímol-a invitación pro III Congreso de Xuventudes Aragonesistas, que viña en compaña do xurdio programa, que reproducimos, tanto en xusto homenaxe ôs defensores da Nazonalidade aragonesa, coma pola eixempraridade que pódia ter prâ nosa asoballada e dormiñea Galiza.

Imp. de *La Región*

MANUEL SEOANE

AXENCIA DE FERROCARRILES

Madeiras labradas de todas clases :-: :-: *Mércanse APEAS pra minas*

Ponte Mayor - OURENSE

SAMANIEGO ◆ FOTÓGRAFO DE MODA

Luis Espada, núm. 13 - OURENSE

SERANTES E COMPAÑÍA

FARIÑAS E COLONIÁS

Ponte Mayor y-Ourense

Gran Café "ROYALTY„ ◆ BÓ SERVIZO :-: CAFÉ E LICORES DAS MILLORES CLASES

Depósito da escelente Sidra "REINA DE ASTURIAS„

PRECIOS BAIXOS POR PARTIDAS DENDE CINCO CAIXAS ADIANTE

"Teoria d'o Nacionalismo Galego„

POR VICENTE RISCO

Léaa que lle dará luces pr' enxergal-os probremas da nosa Terra

PRECIO: CINCO REAS

LUIS GALLEGO-Procurador

DASE PRESA NO DESPACHO DE TODA CRAS D'ASUNTOS

LUIS ESPADA, NÚMERO 9.—OURENSE

GRAN "HOTEL MIÑO,,

OURENSE

O ÚNECO DA CAPITAL CON CALEFAUCIÓN CENTRAL
AMPLIAS HABITACIÓS :-: COARTOS DE BAÑO
PENSIÓN COMPRETA DENDE 12 A 60 PESETAS

***Propietario: ANDRÉS PERILLE* :-: Teléfono 21**

Merquen: PLUMEIROS DE RAFIA "PERILLE,,

OS DE MAIS DURA, OS QUE MILLOR LIMPAM, OS MAIS ECONÓMICOS

BOAS UTILIDAS OS REVENDEDORES

FABRICANTE
ANDRÉS PERILLE
OURENSE (España)
Clave A. B. C., 5.ª edición

REPERSENTANTE N-A ARXENTINA
JOSÉ MARTÍN
Calle Venezuela, 936
BUENOS AIRES

Casa "PERILLE,,

FERRETERIA :-: LOUZA :-: CRISTAL
MOEBLES ECONOMECOS E DE LUXO
FRABICACION DE COLCHÓS PATENTADOS

Vostede pode montal-a sua casa con solo visitar iste estabrecemento, obtendo o maximum d' economia.

Paz Nóvoa, 9 - OURENSE

AGUAS MINERO-MEDICINALES
BICARBONATADO-SÓDICAS
MONDARIZ

FRÁBICA MECÁNICA DE CALZADO
DE
ANXEL SENRA
RÚA XUAN FLÓREZ
Depósito: Cantón Grande, 15 - A CRUNA

GRAN CAFÉ "LA UNION,,
O MILLOR SITUADO E DE MAIS CONFORT
BILLARES - VARIETÉS - SEXTETO
Nóvos propietarios: MANUEL VAZQUEZ :-: EULOGIO ALBERTE
PEREIRA, 13 TELÉFONO NÚM. 61

LEÁ VOSTEDE:

VENTO MAREIRO POR RAMON CABANILLAS

ABRENTE POR VICTORIANO TAIBO

DOUTRINA NAZONALISTA POR RAMON VILAR PONTE

SANATORIO QUIRURXICO D' OURENSE
DIRIXIDO POR
D. Manuel Pol Piñeiro — Cirúxia xeneral y-especialidás
D. Manuel Peña Rey — Xinecoloxia e partos

Istalado en sitio sano e pintoresco (carretera da Loña).
Conta con elementos precisos pr' á boa asistencia dos operados.
Moi logo istalará RAYOS **X.**

PRA DETALLES DIRIXIRSE A UN DOS DIREITORES

¿QUEREDES VESTIR BARATO E CON ELEGANCIA?

Pois, encargade a feitura dos traxes na xastrería de **José María Rodríguez**

Pereira, 2 - OURENSE

Manuel L. Enríquez — **Médico-Oculista**

asisten. pago pol-o Gaberno español, ás cvínicas das Universidás de Zurich (Suiza) e Würzburgo (Alemaña)

Consulta diaria no Hotel Miño :-: Ourense

MERQUE VOSTEDE:

ADORAÇÁO

POR LEONARDO COIMBRA

LIBROS DE TEIXEIRA DE PASCOAES

Terra Prohibida + Arte de ser Portuguez + Sempre + As Sombras
Marános + Cantos indecisos

"A NOSA TERRA,,

BOLETIN DECENAL

Idearium das IRMANDADES DA FALA en Galicia e nas colonias galegas d' América e Portugal

PRECIOS DE SUSCRICIÓN . . .	Na Cruña ó mes.	40 céntemos
	Coste d' un número	15 »
	Fora, trimestre.	1'50 pesetas
	América, id.	2'00 »

REDAUCIÓN Y-ADEMINISTRACIÓN: PLAZA DE MARÍA PITA, 17, BAIXO. — A CRUÑA

MERQUE VOSTEDE **"NEVEDA,,**

NOVELA GALLEGA POR

FRANCISCA HERRERA E GARRIDO

Coste, DAZASEIS REÁS

F. Román e Saco

DROGUERÍA

E FARMACIA

Pereira, 19 **Teléfono, 28**

OURENSE

GALIZA PRECISA A SUA AXUDA

Fágase pois socio da Sociedade

"NÓS,,

Socio de número, cuota mínima, 100 pesetas.
Socio cooperador de capital, aportación mínima, 25 pesetas.

Os VINOS do Ribeiro

ARNOYA FINO

Siñifican o máisimun da "delicadeza,,

BODEGAS da Viuda e Fillos de Xoán Fuentes.-OURENSE